FARJALLAT, Célia Siqueira. A Campinas, em seu aniversário. <u>Correio Popular</u>, Campinas, 14 jul. 1997.

A Campinas, em seu aniversário

CÉLIA SIQUEIRA FARJALLAT

"De minha terra, para minha terra /tenho vivido. Meu amor encerra a adoração de tudo quanto é nosso/. Por ela sonho num perpétuo enlevo/ e incapaz de servi-la quanto devo/ quero ao menos amá-la quanto posso". (Martins Fontes em homenagem a Santos).

Quando alguém faz anos, recebe presentes, votos, abraços de felicitações. Hoje quem aniversaria é nossa cidade, esta bela e sofrida Princesa D'Oeste, terra de Barreto Leme, de Carlos Gomes, de Guilherme de Almeida, sua terra (assim espero), berço de seus filhos e netos. Como homenageá-la à altura de sua nobreza, de suas lutas, de seus revezes, de sua história, dos desafios que enfrenta?

Creio que a dádiva tem de ser útil, bonita e grata ao coração da cidade.



Porque, acreditem-me, as cidades têm alma. Um cronista antigo, João do Rio, nos falava da "Alma encantadora das ruas", e que é uma cidade senão um conjunto de ruas e praças, de becos e vielas, de casas de diversas épocas, habitadas ou não, palpitantes de vida, de fantasmas, de sonhos?

Campinas é tudo isso, e ainda mais. Tem história da qual se pode orgulhar; tem presente, repleto de problemas, que ela não criou, mas que se vê obrigada a enfrentar com inteligência. E tem futuro, que há de ser próspero e feliz. É isso: falei em felicidade! E uma cidade só é grande, como ensinava o poeta Walt Whitmann, se os seus habitantes forem felizes.

Vem deste poeta a denominação exata: uma cidade não é grande pelo número de seus habitantes, importância de suas pontes, viadutos, monumentos e prédios. É grande se fizer seu povo feliz. E isso Campinas tem lutado por conseguir. Princesa de coração aberto acolhe pessoas de todas as terras, e lhes dá as boas vindas, e as trata o melhor que pode, embora, freqüentemente, o bem que faz seja retribuido com ingratidão.

A cidade cresceu tanto, e tão depressa, que perdeu alguns de seus atributos. Já não é tranqüila, nem segura, nem limpa, como em outros tempos. Mas, vai enfrentando as lutas do cotidiano, modernizando-se, olhando para o futuro, sem esquecer a opulência e as lutas do passado. E seu povo, chamado de bairrista, orgulha-se desta designação. Sim, somos todos bairristas, pela graça de Deus.

E os presentes, os gifts de aniversário? A lista não é grande, mas significativa. Creio que a nossa Princesa merece, antes de tudo, respeito e

amor, boas escolas, administradores íntegros, e não aventureiros dispostos à expoliação, ao assalto à mão armada, ao desvio de seus bens.

Merece que suas praças e ruas se mantenham limpas; que o número de miseráveis diminua, não pela simples ajuda de mão-beijada, mas pelo trabalho, pelo esforço próprio. Utopia? Não, certamente. Só o trabalho e a educação podem transformar mendigos e marginais em cidadãos. E quanto antes a tarefa for empreendida, melhor. Os antigos é que resumiam isso de maneira simples e certa: "É de pequenino que se torce o pepino"

E por falar em educação e escola, a Princesa D'Oeste merece, e quanto, que sua escola mais tradicional, a mais bonita. A que um dia foi seu cartão de visitas, readquira seu encanto antigo. Digo isso porque estou no olho do furação, na linha de frente da luta pela sua restauração. Como campinei-

ra, ex-aluna e ex-professora da EEPSG Carlos Gomes, e membro da diretoria da Associação de Amigos da Escola, ouso lembrar às autoridades, ao povo em geral, que esta Escola merece o melhor, que se lhe puder dar. Merece ajuda, simpatia, apoio incondicional. E sejamos claros: só palavras não resolvem nada.

Isto posto, dado meu recado, que espero seja ouvido, peço ainda: limpeza nas ruas; reparos, quando necessários; bom senso, dando prioridade ao essencial, ao mais importante; ajuda aos que desejam, realmente, estudar e progredir; rigor e cadeia para os corruptos; proteção e amor para as crianças desvalidas e para os velhos perdidos no mundo; combate sem tréguas às drogas. E, piedade e paciência com os tolos e os chatos, que deles é o reino dos céus

Célia Siqueira Farjallat é colunista do Correio Popular